



John Wood
PhD, FRCGS, FRCR

A IMPORTÂNCIA DA EXPERIENCIAÇÃO PARA A PRÁTICA CLÍNICA CENTRADA NA PESSOA

Palestra com
Prof. Dr. Carlos Marconi

10.DEZEMBRO
SEXTA-FEIRA
18H.

O evento online na plataforma Sympla.



Mas minha principal maneira de me safar nessa época foi concebendo a história da filosofia como uma espécie de enrabada, ou, o que dá no mesmo, de imaculada concepção. Eu me imaginava chegando pelas costas de um autor e lhe fazendo um filho, que seria seu, e no entanto seria monstruoso. Que fosse seu era muito importante, porque o autor precisava efetivamente ter dito tudo aquilo que eu lhe fazia dizer. Mas que o filho fosse monstruoso também representava uma necessidade, porque era preciso passar por toda espécie de descentramentos, deslizes, quebras, emissões secretas que me deram muito prazer.

Gilles Deleuze. *Conversações*, p.1

O título *O andar do bêbado* vem de uma analogia que descreve o movimento aleatório, como os trajetos seguidos por moléculas ao flutuarem pelo espaço, chocando-se incessantemente com suas moléculas irmãs. Isso pode servir como uma metáfora para a nossa vida, nosso caminho da faculdade para a carreira profissional, da vida de solteiro para a familiar, do primeiro ao último buraco de um campo de golfe.

Leonard Mlodinow. *O andar do bêbado*, p. 10

-Vovô, você está usando muito a sua imaginação.

-Você deve ter sonhado, vovô.

João Marconi, *Diálogos com o vovô da mamãe*.

Não quero mais estas tardes mormais, normais.

Não quero mais videotape, mormaço, março, abril.

Eu quero pulgas mil na geral, quero a geral.

Eu quero ouvir gargalhada geral.

Quero um lugar pra mim, pra mim, pra você,

Na matinê do Cinema Olympia, do Cinema Olympia.

Na matinê do Cinema Olympia, do Cinema Olympia.

Na matinê do Cinema Olympia, do Cinema Olympia.

Veloso, Caetano. *Cinema Olympia*.

Um lugar pra mim, pra vocês

Algumas sugestões para nosso encontro

Estarmos em contato

“Contato. Quando duas pessoas estão em presença uma da outra e cada uma delas afeta o campo experiencial da outra numa forma ou percebida, ou subliminar, dizemos que estas pessoas estão em contato. Em outras palavras, existem entre elas as condições mínimas necessárias à relação”. (ROGERS, 1975, p. 174).

Experienciar com plenitude: Sentir conceituar

“Sentimento sem simbolização é obscuro simbolização sem sentimento é vazia”. (GENDLIN, E. 1997, p.5).

Algumas sugestões para nosso encontro

Estarmos presentes

“A essência do trabalho com outra pessoa é estar presente como um ser vivo. E isso é uma sorte, porque se tivéssemos de ser inteligentes, ou bons, ou maduros, ou sábios, então, provavelmente estaríamos com problemas”. (GENDLIN, 1990, p.205).

“Além disso, para o terapeuta, ‘autenticidade’ significa que não precisa sempre aparecer sob um aspecto favorável, compreensivo, sábio ou forte. Verifiquei que, ocasionalmente, posso ser visivelmente tolo, ter feito uma ou outra coisa errada, ter feito papel de bobo”. (GENDLIN, 1987, p. 140)

**Traz todo mundo
Tá convidado
É só chegar**

- ✓ Os eventos sobre os textos de Carl Rogers promovidos pelo Espaço John Wood.
- ✓ Convite da Vera para exposição sobre minha prática com atendimento clínico e meu acréscimo para experiência com supervisão de alunos do curso de formação do Centro de Psicologia da Pessoa
- ✓ A proposta de apresentação.
- ✓ Os efeitos que a proposta de Vera vem provocando em mim enquanto preparo a exposição.
- ✓ O processo que vivencio. As palavras de Bernardo Soares.

“Viver é ser outro. Nem sentir é possível, se hoje se sente como ontem se sentiu: sentir hoje o mesmo que ontem não é sentir - é lembrar hoje o que se sentiu ontem, ser hoje o cadáver vivo do que ontem foi a vida perdida.

Apagar tudo do quadro de um dia para outro, ser novo com cada nova madrugada, numa revirgindade perpétua de emoção - isto, e só isto, vale a pena ser ou ter, para ser ou ter o que imperfeitamente somos”. (SOARES, B. p. 127 e 128)

**Quando eu dei por mim, nem tentei fugir do visgo
do seu olhar.**

(Meu encontro com Eugene Gendlin)

- ✓ Meu ingresso no Curso de Formação de Psicoterapeutas do CPP e a leitura do texto do Joseph Hart com a indicação do conceito de experienciação como característico da Terapia Centrada na Pessoa.
- ✓ Aulas com Rogério Buys e o destaque para a quebra de paradigma que a Terapia Centrada na Pessoa representa para as contribuições de Carl Rogers.
- ✓ Minhas leituras do texto "Uma teoria da mudança da personalidade" e a certeza de que era o abandono das "tardes mormais, normais, videotape, mormaço, março, abril"
- ✓ A supervisão com Marcia Tassinari e o incentivo para leituras paralelas e para utilizar minhas experienciações durante os atendimentos.

- ✓ As dificuldades iniciais para concretizar as atitudes facilitadoras e como elas são retomadas no início da prática de supervisão.
- ✓ A leitura do texto de Gendlin sobre a expressividade do terapeuta.
- ✓ Meu espanto quando tomei conhecimento, durante a leitura da dissertação do Elias Boainain, que muitos autores não reconhecem a Psicoterapia Centrada na Pessoa, limitando-se à Terapia Centrada no Cliente.
- ✓ Meu espanto com o desconhecimento de praticantes da ACP a respeito das ideias de Gendlin.

EU TÔ TE EXPLICANDO PRA TE CONFUNDIR
EU TÔ TE CONFUNDINDO PRA TE ESCLARECER

Eugene Gendlin

**Nascimento: 25 de dezembro de
1926**

Viena, Áustria.

Falecimento: 1º de maio de 2017

Spring Valley, Nova York



- ✓ A fuga para os Estados Unidos da América em 1938
- ✓ Os estudos em Filosofia com interesse pelos filósofos da fenomenologia e do existencialismo e dirigidos por perguntas acerca da construção do significado e da criação de experiências significativas.
- ✓ Interesse pela psicoterapia, especialmente as praticadas pelos participantes do movimento humanista.
- ✓ A aceitação de Carl Rogers para que ele integrasse a equipe de colaboradores.
- ✓ A relevância atribuída à articulação entre filosofia e psicoterapia.
- ✓ Busca de respostas a questões sobre os motivos de sucesso e insucesso de pessoas com a psicoterapia

A RELEVÂNCIA DA TEORIA

“Por que se necessita da teoria? Se necessita para nos comunicarmos com o resto da sociedade e para construir na sociedade aquilo que descobrimos. E assim devemos fazê-lo. É vital porque a maior parte das formas tradicionais e das políticas sociais atuais assumem um tipo de natureza humana que se encontra alienada a respeito do que experimentamos em nossa terapia”. (GENDLIN, E., 1997, p. 29-30)

EUGENE GENDLIN E SEU MODO DE PENSAR

Abandono das dicotomias.

O paradigma processual.

As diferenças com o modo de pensar de Carl Rogers.

A criação de um proposta de trabalho própria.

A integração filosofia-psicoterapia.

Possíveis motivos para o baixo nível de interesse dos profissionais da ACP por suas contribuições?

O modo de pensar moderno e as polaridades

Sujeito	Objeto
Natureza	Cultura
Indivíduo	Sociedade
Dentro	Fora
Mente	Corpo
Corpo	Meio
Processo	Estrutura

O modo de pensar não moderno e a ausência das polaridades

No caso específico do modo de pensar de Gendlin, a ausência das distinções:

Dentro x Fora

Processo x Estrutura

O corpo e as concepções acerca de nossas relações com o mundo

Há um mundo "lá fora"

Mediacional - O mundo externo somente é conhecido, ganha significado, com o auxílio de intermediários (dados sensoriais, imagens, representações).

Contato - Nosso contato permanente (nossa experiência) com o mundo externo certifica nosso conhecimento sobre seu conteúdo.

O corpo e as concepções acerca de nossas relações com o mundo

Não há um mundo “lá fora”

Integrativa - Compomos o mundo e ele nos compõe.

“A pedra fundamental do pensamento de Gendlin é o papel do corpo na geração de significado. É cada vez mais reconhecido que humanos devem ser entendidos como corporificados”. (PARKER, R. A., 2018, p. xi)

Para Gendlin, "O corpo não é um objeto estático, autocontido colocado no meio ambiente. *A interação corpo-meio ambiente é um evento.* Respiração não está apenas nos pulmões ou no ar. Andar não está só no chão ou nas pernas. Os pulmões implicam ar; os pés implicam o chão que pressionam". (HENDRICKS, M. 2001)

O CORPO SITUACIONAL

“É mais difícil explicar como o corpo pode conhecer as situações e como às vezes pode conhecê-las melhor e de maneira mais complexa do que (como dizemos) ‘nós’. Mas aqui está o que já podemos estabelecer apenas a partir do exemplo de um palpite: temos corpos situacionais”. (GENDLIN, E. , 1993, p. 22. Sublinhei)

PROCESSO E ESTRUTURA

“Uma maneira de os seres humanos fazerem as coisas é primeiro fazendo partes separadas estáveis. Depois, nós as organizamos juntas. Então facilmente podemos ver as coisas naturais como se fossem feitas de partes estáveis”

“O processo faz estrutura, pode mudar e expandi-la. Um processo sempre tem muitas possibilidades implícitas que não são estruturas.”

“As descobertas da ciência parecem negar nossa própria experiência, e vice-versa. Embora os dois pareçam tão diferentes, podemos pensar com precisão lógica e experiencial porque elas têm uma relação inerente”.

“Processos geram estrutura: estruturas sozinhas não geram processo”

(GENDLIN, E., 2012)

QUERO QUE VOCÊ ME DÊ A MÃO

VAMOS SAIR POR AÍ

“Viver é ser outro. Nem sentir é possível, se hoje se sente como ontem se sentiu: **sentir hoje o mesmo que ontem não é sentir** - é lembrar hoje o que se sentiu ontem, **ser hoje o cadáver vivo do que ontem foi a vida perdida.**

Apagar tudo do quadro de um dia para outro, ser novo com cada nova madrugada, **numa revirgindade perpétua de emoção** - isto, e só isto, vale a pena ser ou ter, **para ser ou ter o que imperfeitamente somos**”. (SOARES, B. p. 127 e 128).

estrutura / processo

Perguntas de Eugene Gendlin sobre a psicoterapia:

1. O que a psicoterapia muda na pessoa?
2. A que o terapeuta deve responder para que a mudança aconteça?

1. O que a psicoterapia muda na pessoa?

Resposta habitual: a personalidade.

Problema: personalidade é comumente definida como as características do indivíduo que não mudam apesar das circunstâncias em que ele se encontra.

A personalidade: as teorias e seus problemas

As teorias de personalidade empregam conceitos explanatórios de conteúdo e estrutura que justificam que a personalidade de um indivíduo não se modifica diante das experiências porque ele não as aceita ou as distorce.

Desse modo, “poderemos explicar a mudança de personalidade, somente se pudermos mostrar exatamente como essa resistência à mudança provoca a mudança”. (GENDLIN, 1970, p. 130)

Problema 1 - O paradigma da repressão

A maioria das teorias da personalidade "concordam que nas suas primeiras relações familiares, o indivíduo introjetou certos valores, segundo os quais ele seria amado somente se sentisse e se comportasse de determinadas maneiras. As experiências que contradisseram estas exigências foram "reprimidas" (Freud), ou "negadas à consciência" (Rogers) ou pertencentes ao "não eu" (Sullivan). Mais tarde, quando o indivíduo depara-se com experiências desta espécie contraditória, ele deve distorcê-las ou permanecer totalmente alheio a elas. Porque, caso ele notasse as experiências contraditórias, tornar-se-ia intoleravelmente ansioso". (GENDLIN, 1970, p. 131)

CARL ROGERS E AS DEFINIÇÕES DAS NOÇÕES TEÓRICAS

“§ VI – Noções referentes à reação de ameaça

19. Defesa. Estado de defesa. Comportamento defensivo. A defesa representa a reação do ‘organismo’ à ameaça. A finalidade da defesa é manter a estrutura do eu; em outras palavras, a defesa representa uma oposição a toda mudança suscetível de atenuar ou desvalorizar a estrutura do eu.” (ROGERS, C. 1975, p. 170-171)

20. Deformação e intercepção da experiência. Como acabamos de ver, as experiências significativas que não concordam com a imagem do eu não são diretamente acessíveis à consciência. Para explicar este fenômeno introduzimos as noções de deformação e intercepção”. (ROGERS, C. 1975, p. 170-171)

Problema 2 - O paradigma do conteúdo

“Por conteúdo, eu designo qualquer entidade *definida*, quer sejam denominadas ‘experiências’, ‘fatores’, ‘ligações E-R’, ‘necessidades’, ‘impulsos’, ‘motivos’, ‘avaliações’, ‘traços’, ‘autoconceitos’, ‘ansiedades’, ‘sistemas motivacionais’, ‘fixações infantis’, ‘falhas de desenvolvimento’ ou qualquer termo correlato.

Se devemos entender a mudança de personalidade, devemos compreender como estes constituintes da personalidade podem mudar em sua natureza”. (GENDLIN, E. 1970, p. 133)

Problema 2 - O paradigma do conteúdo

“Para explicar esta mudança na natureza dos conteúdos, precisamos de um tipo de definição (construtos explanatórios) que também possa mudar. Não podemos explicar *a mudança* na natureza do *conteúdo* quando nossa teoria especificamente define a personalidade apenas como conteúdo. Tal teoria pode formular quais necessidades devem mudar, e depois pode também formular o que mudou, e em que mudou; porém, enquanto todas as nossas explicações forem em termos de conceitos deste ou daquele conteúdo definido, permanecerá teoricamente inexplicável como tal mudança é possível.” (GENDLIN, E. 1970, p. 133)

Problema 2 - O paradigma do conteúdo

“Nossa conclusão aqui não é simplesmente a de que os conteúdos definidos da personalidade não existem. Mais precisamente, é que se definimos a personalidade como conteúdos e de nenhum outro modo básico, então não podemos usar os mesmos conceitos para explicar exatamente como estes conteúdos mudam. E, uma vez que são exatamente esses conteúdos que definem a personalidade (e as circunstâncias nas quais a mudança deve ocorrer, caso isto seja importante para a mudança da personalidade), explicar a mudança passa a ser uma tarefa teoricamente impossível de ser cumprida pelas teorias da personalidade”. (GENDLIN, 1970. p. 133. Sublinhei)

A personalidade: a teoria e seus dois problemas:

1. Paradigma da repressão:

De que maneira explicar como ocorre esse crucial “tornar-se consciente”? (GENDLIN, E.1970. p. 132).

2. Paradigma do conteúdo:

“De que maneira a natureza das definições de personalidade deve mudar de forma que possamos chegar à definição que se adeque ao processo de mudança nos conteúdos da personalidade?” (GENDLIN, E. 1970. p. 134).

“Precisamos de alguma espécie de variável mais básica da personalidade para formular uma explicação de como, sob quais condições e mediante que processo a mudança da natureza dos conteúdos pode ocorrer” (GENDLIN, E. 1970. p. 133).

A personalidade: as teorias e seus problemas

Em síntese:

Para Gendlin (1970), os paradigmas da repressão e do conteúdo explicam por que a personalidade é como é e por que permanece dessa forma.

Observações sobre a mudança da personalidade (psicoterapias bem sucedidas)

1. envolvem algum processo afetivo intenso ou de sentimento;
2. ocorrem quase sempre quando há um relacionamento com outra pessoa o qual atende a determinadas condições.

Desafios a que Gendlin se propõe a enfrentar

1. Criar um conceito que não esteja fundamentado nos paradigmas da repressão e do conteúdo, que corresponda a esse processo afetivo (de sentimento) e que explique a mudança decorrente da relação psicoterapêutica.
2. Fornecer uma base teórica que oriente as intervenções do psicoterapeuta (a que ele deve responder)

NÃO HÁ A SUA MAIS COMPLETA TRADUÇÃO

Experienciação

Experiencing

(a) O 'ing' no termo 'experienciação' indica que a experiência é considerada como um *processo*".

O termo "experienciação" será empregado para expressar "experiência" vista a partir de um referencial teórico processual

(GENDLIN, E.1970, p. 138)

As traduções para o português:

Vivência

Experienciando

Experienciação

“b) A palavra “experiência” em Psicologia, seja onde for empregada, significa acontecimentos psicológicos concretos. O mesmo ocorre aqui: Experienciação é um processo de acontecimentos concretos contínuos.

(c) Finalmente, por experienciação queremos dizer um processo *sentido*. Com isto indicamos acontecimentos sentidos física e interiormente. E sustentamos que “o material” concreto da personalidade ou dos eventos psicológicos é este fluxo de sentimento ou sensação corporal.

Experienciação é o processo de sentimentos concretos e corporais que constitui a matéria básica dos fenômenos psicológicos da personalidade.

(GENDLIN, E.1970, p. 138)

Principais características da experienciação

1. É um processo de sentimentos;
2. Ocorre no presente imediato;
3. Pode ser referida pela pessoa como algo sentido em seu próprio campo fenomenal;
4. É implicitamente significativa;
5. Guia a conceituação;
6. É um processo organísmico pré-conceitual.

(GENDLIN, E. 1961)

Referências Bibliográficas

DELEUZE, Giles. *Conversações 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GENDLIN, E. *Experientiação: uma variável no processo de mudança terapêutica*. Tradução e adaptação de João Carlos Caselli Messias e Daniel Bartholomeu.

Disponível em: http://www.focusing.org/fot/portugese_gendlin.asp. Acesso em: 14 nov. 2009.

Original: Experiencing: A variable in the process of therapeutic change. *American Journal of Psychotherapy*. Vol. 15, 233-245, 1961.

Disponível em http://previous.focusing.org/gendlin/docs/gol_2082.html. Acesso em: 20 ago. 2018.

_____. The experiential response. In E. Hammer (Ed.), *Use of interpretation in treatment*, pp. 208-227. New York: Grune & Stratton. 1968.

Disponível em http://previous.focusing.org/gendlin/docs/gol_2156.html

_____. A theory of personality change. In: HART, J.T., TOMLINSON, T.M. *New direction in client-centered therapy*. New York: Houghton Mifflin Co., 1970, cap. 7, p. 129-173.

_____. Comunicação subverbal e expressividade do terapeuta: tendências da terapia centralizada no cliente com esquizofrênicos. In: ROGERS, Carl R.; STEVENS, Barry e col. *De pessoa para pessoa: o problema do ser humano: uma nova tendência na psicologia*. São Paulo: Pioneira 1987, p.137-148.

Referências Bibliográficas

GENDLIN, Eugene T. The small steps of the therapy process: How they come and how to help them come. In G. Lietaer, J. Rombauts & R. Van Balen (Eds.), *Client-centered and experiential psychotherapy in the nineties*, pp. 205-224. Leuven: Leuven University Press., 1990.

Disponível em: https://www.focusing.org/gendlin/docs/gol_2110.html.

Acesso em: 15 ago. 2017.

_____. *Experiencing and the creation of meaning: a philosophical na psychological approach to the subjective*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1997. (originalmente publicado em 1962, por The Free Press of Glencoe.

_____. Prefacio. In: ALEMANY, Carlos (Ed.). *Psicoterapia experiencial y focusing: La aportacion experiencial de Eugene T. Gendlin*. Bilbao: Desclée de Brower, S.A., 1997.

_____. Process generates structures: structures alone don't generate process. *The Folio*, 23 (1), 3-13., 2012.

HENDRICKS, Marion. Psicoterapia experiencial/orientada pela focalização. Original: in: In Cain, David and Seeman, Jules (Eds.) *Humanistic Psychotherapy: Handbook of Research and Practice*, American Psychological Association, 2001. Traduzido por João Carlos Caselli Messias.

Disponível em: <http://www.focusing.org/fot/psicoterapia_experiencial_pt.html>

Acesso em: 14 nov. 2009

Referências Bibliográficas

MARCONI, João. *Diálogos com o vovô da mamãe. Não publicado.*

MLODINOW, Leonard. *O andar do bêbado como o acaso determina nossas vidas.* 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

PARKER, Robert A. Foreword. In: GENDLIN, Eugene T. *A process model.* Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2018

ROGERS, Carl R. Definição das noções teóricas. In: ROGERS, Carl R; KINGET, G. Marian. *Psicoterapia e relações humanas.* Belo Horizonte, Interlivros, 1975, v. 1, cap. VIII, p. 158-180.

SOARES, B. *O livro do desassossego.* Rio de Janeiro; Companhia das Letras, 1999.

VELOSO, Caetano. Cinema Olympia.. Barra 69: Caetano e Gil ao vivo na Bahia. Rio de Janeiro: Philips, 1984, LP, 33 rpm,